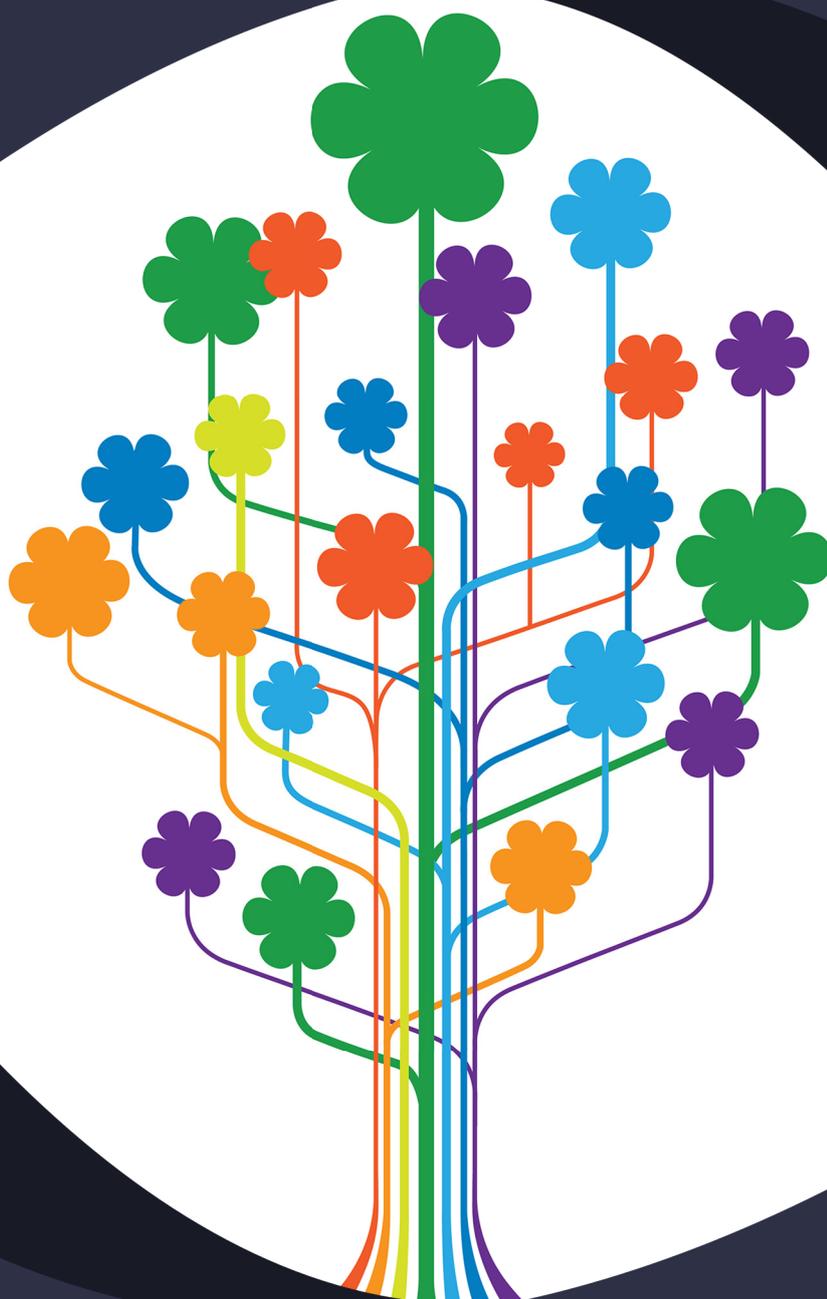


# Políticas Públicas na Educação Brasileira: Caminhos para a Inclusão 2

Michéle Barreto Justus  
(Organizadora)



**Atena**  
Editora

Ano 2019

Michéle Barreto Justus  
(Organizadora)

Políticas Públicas na Educação Brasileira:  
Caminhos para a Inclusão 2

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
P769	Políticas públicas na educação brasileira [recurso eletrônico] : caminhos para a inclusão 2 / Organizadora Michéle Barreto Justus. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Políticas Públicas na Educação Brasileira. Caminhos para a Inclusão; v. 2)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-724-6 DOI 10.22533/at.ed.246191710  1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais. 3. Educação inclusiva. I. Justus, Michéle Barreto. II. Série. CDD 379.81
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Entender o que é a Educação Especial e como ela é fundamental para o desempenho dos alunos com necessidades especiais é decisivo para mudar os rumos da educação como um todo, visto que a Educação Especial é uma realidade nas mais diversas escolas.

Frente a esse desafio, colocado aos docentes que atuam em todos os níveis e à toda a comunidade escolar, o e-book intitulado “Políticas Públicas na Educação Brasileira: caminhos para a inclusão - 2” traz contribuições para leitores que se interessem por conhecer alternativas, experiências e relatos de quem se dedica ao estudo do tema.

Esta obra se organiza em 4 eixos: *inclusão e educação especial, educação especial e legislação, estudos culturais e inclusão social e o uso da tecnologia para educação especial.*

O primeiro eixo aborda estudos sobre os desafios e reflexões onde Educação Especial perpassa enquanto uma modalidade de ensino; e apresenta artigos que envolvem estudos sobre pessoas com surdez, superdotação ou altas habilidades e deficiência visual, além de artigos sobre o ensino na Educação Básica, Ensino Superior e gestão e inclusão.

No segundo eixo, os textos versam sobre a análise de alguns documentos oficiais acerca da Educação Especial e seus reflexos no cotidiano das escolas.

No terceiro, traz artigos que abordam temas sobre a educação e seu valor enquanto instrumento para a inclusão social; e por fim, aborda o uso das tecnologias na melhoria das estratégias de ensino na Educação Especial.

Certamente, a leitura e a análise desses trabalhos possibilitam o conhecimento de diferentes caminhos percorridos na Educação Especial, e favorecem a ideia de que é possível ter uma educação diferenciada e de qualidade para todos.

Michéle Barreto Justus

## SUMÁRIO

### I. INCLUSÃO E EDUCAÇÃO ESPECIAL

#### Desafios e reflexões

#### **CAPÍTULO 1 ..... 1**

A CULTURA POPULAR COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA PARA A INCLUSÃO EDUCACIONAL

Samantha Camacam de Moraes

Verônica Catharin

Lúcia Pereira Leite

**DOI 10.22533/at.ed.2461917101**

#### **CAPÍTULO 2 ..... 14**

OS DESAFIOS ENFRENTADOS POR CRIANÇAS AUTISTAS E SEUS PAIS: UM PANORAMA DA NECESSIDADE DA INCLUSÃO ESCOLAR

André Luiz Alvarenga de Souza

**DOI 10.22533/at.ed.2461917102**

#### **CAPÍTULO 3 ..... 32**

O PROCESSO DE INCLUSÃO DO ALUNO AUTISTA: DESAFIOS À PRÁTICA DOCENTE

Raimunda Fernandes da Silva Souza

Rozineide Iraci Pereira da Silva

Nair Alves dos Santos Silva

**DOI 10.22533/at.ed.2461917103**

#### **CAPÍTULO 4 ..... 42**

O TRADUTOR INTÉRPRETE DE LIBRAS EDUCACIONAL: REFLEXÕES A PARTIR DE DIFERENTES FIGURAÇÕES ESCOLARES

Keli Simões Xavier Silva

Euluze Rodrigues da Costa Junior

**DOI 10.22533/at.ed.2461917104**

#### Surdez

#### **CAPÍTULO 5 ..... 53**

A EDUCAÇÃO DOS SURDOS

Júlia Martins Bárbara Rodrigues

Cintia Resende Correa

**DOI 10.22533/at.ed.2461917105**

#### **CAPÍTULO 6 ..... 61**

BIBLIOTECA INCLUSIVA: MEDIAÇÃO COM O USUÁRIO SURDO

Bruna Isabelle Medeiros de Moraes

Laís Emanuely Albuquerque Dos Santos

**DOI 10.22533/at.ed.2461917106**

## Superdotação/altas habilidades

### **CAPÍTULO 7 ..... 69**

A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO ESCOLAR EDUCACIONAL FRENTE AOS ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

Elivelton Cardoso Viera  
Camila Siqueira Cronemberger Freitas  
Carolina Martins Moraes

**DOI 10.22533/at.ed.2461917107**

### **CAPÍTULO 8 ..... 80**

ALTAS HABILIDADES: AS METODOLOGIAS NO ENSINO NAAHS

Maria Luzia dos Santos Moreira

**DOI 10.22533/at.ed.2461917108**

## Deficiência Visual

### **CAPÍTULO 9 ..... 93**

BIOLOGIA INCLUSIVA: DESENVOLVIMENTO DE MATERIAIS DIDÁTICOS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Andressa Antônio de Oliveira  
Karina Carvalho Mancini

**DOI 10.22533/at.ed.2461917109**

### **CAPÍTULO 10 ..... 100**

O USO DO SOROBAN NO ENSINO DE MATEMÁTICA PARA A CRIANÇA DEFICIENTE VISUAL

Raffaella de Menezes Lupetina  
Marta Maria Donola Victorio  
Margareth Oliveira Olegário

**DOI 10.22533/at.ed.24619171010**

### **CAPÍTULO 11 ..... 111**

EM DIREÇÃO ÀS BIBLIOTECAS INCLUSIVAS NO SUPORTE AOS DISCENTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL: REFLEXÃO DOCUMENTAL SOBRE OS DIRECIONAMENTOS DO IFPE NO ENSINO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICO

Ada Verônica de Novaes Nunes  
Ivanildo José de Melo Filho

**DOI 10.22533/at.ed.24619171011**

## Educação Básica

### **CAPÍTULO 12 ..... 124**

LIBRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DIÁLOGOS NECESSÁRIOS PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

André Henrique Furtado Torres  
Eva Alves da Cruz  
Victor Hugo de Oliveira Henrique

**DOI 10.22533/at.ed.24619171012**

### **CAPÍTULO 13 ..... 134**

O TRABALHO COLABORATIVO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Bruna Rafaela de Batista  
Ana Lídia Penteado Urban  
Luci Pastor Manzoli

**DOI 10.22533/at.ed.24619171013**

### **CAPÍTULO 14 ..... 143**

AS FACETAS DA INCLUSÃO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Rozineide Iraci Pereira da Silva  
Nair Alves dos Santos Silva  
Maria Aparecida Dantas Bezerra  
Ana Cláudia Xavier Da Silva  
Diógenes José Gusmão Coutinho

**DOI 10.22533/at.ed.24619171014**

### **CAPÍTULO 15 ..... 153**

COMO AS SALAS REGULARES RECEBEM E POSSIBILITAM A PERMANÊNCIA DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA EM SEU PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: UMA VISÃO DOCENTE

Larisse Lorrane Monteiro Moraes  
Daniela de Jesus Rodrigues de Andrade  
Priscila Lorena Souza Palhano  
Sara Maria Silva de Miranda  
Fernanda Pinheiro Castro  
Bianca Sousa Geber  
João Mailson da Silva Quaresma  
Larissa Cesarina Mota Gomes

**DOI 10.22533/at.ed.24619171015**

### **CAPÍTULO 16 ..... 163**

DESIGN E EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UMA BUSCA PELO APERFEIÇOAMENTO DO ENSINO

Maria Carolina Frohlich Fillmann  
Karen Mello Colpes  
Elisa Bonotto do Couto

**DOI 10.22533/at.ed.24619171016**

**CAPÍTULO 17 ..... 176**

ENSINO DE INGLÊS PARA ALUNOS SURDOS: MATERIAIS DIDÁTICOS E ESTRATÉGIAS DE ENSINO

Monique Vanzo Spasiani

**DOI 10.22533/at.ed.24619171017**

**CAPÍTULO 18 ..... 190**

ENSINO PARA SURDOS E ESCOLA: REFLEXÕES SOBRE A LIBRAS COMO INSTRUMENTO DE FORMAÇÃO E DE IDENTIDADE

Andréa dos Guimarães de Carvalho

Gilmar Garcia Marcelino

Renata Rodrigues de Oliveira Garcia

**DOI 10.22533/at.ed.24619171018**

**Ensino Superior**

**CAPÍTULO 19 ..... 200**

OS DESAFIOS DAS IES NA ADESAO DOS PROFESSORES À INCLUSÃO ESCOLAR

Aline Gama Cunha Carvalho

Jaylla Fernanda Ferreira de Oliveira Raeli

Vanessa do Amaral Tinoco

**DOI 10.22533/at.ed.24619171019**

**CAPÍTULO 20 ..... 205**

CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DE UM MANUAL DIRECIONADO AOS PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR COMO ESTRATÉGIA DE INCLUSÃO DE ESTUDANTES SURDOS

Jane de Carlos Santana Capelli

Nuccia Nicole Theodoro De Cicco

Julia Barral Dodd Rumjanek

Vivian Mary Barral Dodd Rumjanek

**DOI 10.22533/at.ed.24619171020**

**CAPÍTULO 21 ..... 220**

DESAFIOS PARA A (RE) INCLUSÃO DISCENTE EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR

Karla Rona da Silva

Shirlei Moreira da Costa Faria

Jhonatan Gomes Vieira Frois

Sara Moura Martins

Elizabeth Cristina Pereira Morbeck

Sônia Maria Nunes Viana

**DOI 10.22533/at.ed.24619171021**

## Gestão e Inclusão

<b>CAPÍTULO 22 .....</b>	<b>231</b>
TRABALHO COLABORATIVO NO CONTEXTO DE UMA ESCOLA INCLUSIVA A ARTICULAÇÃO DO GESTOR	
Elizete Varusa Seneda	
Eladio Sebastián-Heredero	
DOI 10.22533/at.ed.24619171022	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA .....</b>	<b>236</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO .....</b>	<b>237</b>

## O PROCESSO DE INCLUSÃO DO ALUNO AUTISTA: DESAFIOS À PRÁTICA DOCENTE

### **Raimunda Fernandes da Silva Souza**

Mestranda do Curso de Ciências Internacional da Educação pela Atenas College University - EUA,  
raimunda.fernandes@yahoo.com

### **Rozineide Iraci Pereira da Silva**

Doutoranda em Ciências da Educação pela Atenas College University - EUA, neide-silva96@hotmail.com;

### **Nair Alves dos Santos Silva**

Doutoranda em Ciências da Educação, pela Atenas College University - EUA, bvnaivalves@gmail.com;

**RESUMO:** O tema Autismo, ainda vem sendo pouco conhecido por profissionais da área da educação, também como, por demais profissionais que tem a consciência de lidar com esse transtorno. O principal objetivo deste artigo é analisar os processamentos de inclusão de criança autista e a relação dos desafios à prática docente. É um artigo bibliográfico que inicialmente abordará o conceito de autismo e o diagnóstico diferencial, em seguida trata da educação inclusiva e após abordará a inclusão escolar de crianças com autismo. Estudar sobre o autismo e a inclusão contribui para se ampliar melhor o conhecimento na área, contudo é necessária a formação de profissionais da educação básica numa perspectiva da inclusão escolar. Nesta

visão, a temática reafirma a primordialidade de que todos incluam e aceitem a diversidade humana, e possam contribuir na construção de uma sociedade justa e democrática. Ao se comentar sobre a aprendizagem de alunos autistas, também serão destacadas as barreiras que os educadores encaram ao se deparar com alunos com necessidades especiais nas salas de aula comum. A educação de crianças com Transtorno do Espectro Autista - (TEA), é algo que inclui bastantes habilidades sociais, visuais, comportamentais e de rotina. Todas as possíveis estratégias são fundamentais para que a criança autista cresça cognitivamente e socialmente, além de elevar o bem estar psicológico da criança e da família. Os resultados encontrados preconizam que o autismo é uma condição que é pouco conhecida pelos docentes, que se assentem inaptos para educar essa população. O objeto de estudo ressalta a relevância da formação continuada a fim de melhorar preparar os educadores para atuar em classes inclusivas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Autismo, Inclusão escolar, Prática docente, Educação básica.

### **INTRODUÇÃO**

O autismo atualmente é compreendido como um distúrbio no desenvolvimento que

apresenta manifestações comportamentais, como dificuldades na interação social. A inclusão de alunos com deficiência está cada vez mais presente na realidade das escolas.

Nosso País caminha com grandes dificuldades em direção ao atendimento de nossos uns milhões de autistas. Seguimos uma postura assistencialista, típica de países do Terceiro Mundo. (BORALLI, 2007)

Entidades organizadas lutam para que esta postura ceda lugar a propostas que visem à garantia dos direitos das pessoas portadoras de necessidades especiais, que se tornam, então, sujeitos do processo de sua integração social.

A partir desta realidade não há como pensar em ensino e educação nas escolas sem destacar a ideia das tantas diversidades que os educadores encontram em suas salas de aula.

O mediador como os demais membros da escola comprometidos com uma educação com particularidade deve-se estar requalificando a atuação como facilitador do processo ensino e aprendizagem para distinguir as dificuldades educacionais, apoiando os discentes em suas necessidades.

A pesquisa justifica-se na relevância de analisar o processo de inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista - (TEA), como também os desafios dos docentes com os alunos de síndrome de autismo em sala de aula. Sabe-se que muitos docentes queixam-se da falta de uma formação adequada para trabalhar com estes alunos, bem como enfrentam dificuldades para superar os desafios que se apresentam no cotidiano.

A educação de uma criança autista representa, sem dúvida, um desafio para todos os profissionais da educação. A particularidade e a insuficiência de conhecimento sobre a síndrome nos fazem percorrer caminhos ainda desconhecidos e incertos sobre a melhor forma de educar essas crianças e sobre o que se pode esperar de nossas intervenções.

A política nacional de educação especial inclusiva (BRASIL, 2008) e a legislação educacional vigente no país, garantem que à pessoa com autismo tenha o direito a educação e a inclusão escolar.

A partir deste debate, espera-se contribuir para uma educação acessível a todas as pessoas e com isso, atender as exigências de uma sociedade que vem combatendo preconceito, discriminação e uma reflexão para um novo olhar sobre a diferença sem perder a dimensão da igualdade na inclusão dos indivíduos perante a lei.

A inclusão precisa ser entendida como espelho na educação da oportunidade que é dada no meio social, já que consiste em oferecer uma oportunidade de desenvolvimento. Com um ensino para todos e de qualidade, as ações educativas se pautam por solidariedade, colaboração e compartilhamento do processo educativo com todos os sujeitos que estão direta ou indiretamente envolvidos.

A escola é o alicerce para esse desenvolvimento, ela se prepara para trabalhar

com a diversidade, valorizando todos os indivíduos como seres singulares e capazes de fazer uma sociedade diferente, em que todos tenham direitos e deveres com um único objetivo que é o conhecimento intelectual da criança.

O desempenho da presente pesquisa surgiu diante da visão dos nervosismos que afetam os professores sobre suas práticas pedagógicas quando tem alunos autistas inserido no ambiente escolar, e com as dificuldades de se inserir um aluno. Nesse sentido, busca-se compreender: quais suas maiores dificuldades e desafios com alunos autistas, também como as dificuldades no processo de inclusão de um aluno com Transtorno do Espectro Autista - (TEA) na instituição de ensino.

Portanto, o objetivo do nosso trabalho é entender o processo de ensino aprendizagem desses alunos que é incluído com diagnóstico de TEA na escola, por meio da presente pesquisa, que norteamos a entender as práticas pedagógicas dos professores que contribuem para a interação social dos discentes autistas no cotidiano escolar.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa desenvolvida foi de natureza qualitativa, realizada através de um levantamento bibliográfico. A escolha pela abordagem qualitativa justifica-se por ser uma forma mais detalhada para entender a natureza de um fenômeno social com a intenção de coletar informações. Ela tem se mostrado útil no campo educacional porque examina o fenômeno numa configuração aprofundada, coletando informações, opiniões e comportamentos dos sujeitos, sobre o que eles pensam acerca do objeto de estudo.

Para Ludke e André:

A pesquisa qualitativa não prevê que haja uma construção preliminar de uma hipótese para tentar prová-la na análise de dados. O pesquisador deve, de fato, ter um foco antes de iniciar o processo de coleta de informações. A tendência é que este foco, antes mais amplo, torne-se afunilado e direto conforme o andamento da pesquisa (LUDKE; ANDRÉ, 2013).

Para a base de dados foram utilizados os termos: Autismo, Docentes, Inclusão, Ação pedagógica e Prática docente. Os artigos-base utilizados de diferentes revistas e autorias foram nas áreas de pedagogia, psicopedagogia e psicologia. Após isso, a análise detalhada dos artigos se baseou primeiramente em abordar o conceito sobre autismo e o processo de inclusão. Logo após, foram analisados os artigos com foco na educação inclusiva, principalmente sobre os tópicos que discutiam a respeito do trabalho pedagógico desenvolvido na sala de aula e suas contribuições no processo de inclusão dos alunos.

Vale ressaltar que este artigo contempla de fontes de pesquisa a revisão bibliográfica tomando como base os autores: Carvalho (2004), Mantoan (2015, 2017), Mello (2007), e dentre outros que contribuíram com eficiência em seus escritos,

verificando os referenciais encontrados, aqueles que corroboraram ao objeto de estudo e apresentando subsídios aos objetivos da pesquisa a serem analisados para discussão sobre o processo de inclusão do aluno autista: desafios à prática docente.

Dessa forma foi possível construir um referencial teórico acerca das dificuldades enfrentadas pelos alunos autistas no processo de inclusão, quanto pelo docente conseguindo discutir sobre esse tema que atualmente se apresenta em grande evidência. Refletindo sobre as práticas rotineiras em sala de aula com crianças autista e proporcionando maior compreensão sobre o transtorno do espectro autista ou TEA, reforçando o conhecimento no que tange o comprometimento neurológico e intelectual do aluno.

Averiguando as referências ligadas, aquelas que abordassem as temáticas relacionadas às finalidades dessa erudição que apresentassem subsídios para maior ponderação sobre os aspectos desenvolvidos, com relação a uma nova concepção sobre a inclusão e suas estratégias de maneira reflexiva e significativa aos alunos no contexto escolar.

## DESENVOLVIMENTO

### A educação inclusiva no processo de inclusão do aluno autista

O vocábulo “autismo” tem sua origem do grego autos, e significa, “dentro de si mesmo”, esta definição retrata a grande introspecção característica das pessoas autistas, uma vez que pela complexidade em concentrar-se ao ambiente acaba por apresentar um repertório curto de interesses e uma dificuldade acentuada em relacionar-se com as demais (CUNHA, 2009).

Segundo Mello (2007, p. 11), “O Transtorno do Espectro Autista - (TEA) é uma síndrome definida por alterações presentes desde idades muito precoces, especificamente antes dos três anos de idade, e se caracteriza por desvios qualitativos na comunicação, na interação social e no uso da imaginação”.

Os estudiosos buscam explicações para as circunstâncias e decorrências do autismo. Porém são poucos os avanços sobre como ou porque as causas desse transtorno. Entender essa síndrome é uma instigação enfrentada por muitos pesquisadores que buscam respostas ainda não encontradas.

Uma das condições de funcionamento da escola é o professor, embora que a própria instituição escolar terá de buscar novos posicionamentos diante do processo de ensino aprendizagem, orientada por concepções e práticas pedagógicas que atendem a diversidade humana.

Como aponta Mantoan: “O princípio democrático de educação para todos só se evidencia nos sistemas educacionais em todos os alunos e não apenas em um deles”. (MANTOAN 2017, p.120). É preciso que haja uma grande reestruturação na

formação dos professores e, que esta sirva de instrumentos para que sejam capazes de receber e identificar os estudantes com alguns transtornos.

Entretanto, para que as pessoas com algum transtorno ou deficiência, recebam a devida atenção é necessário que as instituições de ensino se apropriem de fato e de direito de uma política educacional que proporcione formações satisfatórias aos mediadores do desenvolvimento como também, a apropriação de um projeto político pedagógico que visem garantir um atendimento respeitando as particularidades de cada aluno de modo que lhes traga um desenvolvimento positivo e um ensino de qualidade.

A inclusão precisa ser entendida como espelho na educação da oportunidade que é dada no meio social, já que consiste em oferecer uma oportunidade de desenvolvimento. Com um ensino para todos e de qualidade, as ações educativas se pautam por solidariedade, colaboração e compartilhamento do processo educativo com todos os sujeitos que estão direta ou indiretamente envolvidos.

A escola é o alicerce para esse desenvolvimento, ela se prepara para trabalhar com a diversidade, valorizando todos os indivíduos como seres singulares e capazes de fazer uma sociedade diferente, em que todos tenham direitos e deveres com um único objetivo que é o conhecimento.

Para isso, é formado um grupo de profissionais que conta com o apoio de professores de psicologia, psicopedagogos, além de fonoaudiólogos e terapeutas educacionais. Como aponta Belizário Júnior e Ferreira (2010, p. 36) “destacam que o trabalho a ser realizado em sala de aula com a criança autista requer a atenção para o desenvolvimento de competências importantes”.

A formação de professores é uma das primeiras etapas em busca de qualidade para inclusão de alunos com TEA. Quando pensamos em formação de professores pautamos aqui aquela que o professor busca por conta própria, motivado por questões suas, particulares, na busca de dar sentido para suas demandas e anseios com os alunos que lida em seu cotidiano.

Assim, é preciso propiciar a reflexão dos professores a respeito dos alunos com TEA, deslocando o pensamento de alguém que vive em um mundo próprio, que não interage, não aprende, não se comunica, para um sujeito que é capaz de saber, de se comunicar e de interagir.

Sabe-se que o docente é o substancial dirigente em tornar realizável a sociabilização do aluno autista na rotina escolar, adequando metodologias que venham respeitar as dificuldades dos mesmos. Porém é ele quem recepta e designa o primeiro contato com o aluno, seja ele assertivo ou desfavorável, dessa forma é do professor o desafio de efetivar o processo de inclusão, tendo em vista que é seu dever criar estratégias de desenvolvimento que atenda as necessidades de todos os alunos.

Cada um tem uma maneira de aprender e, diante disso, os educadores e profissionais que trabalham com Educação Especial têm a grande responsabilidade

de observar e detectar suas singularidades, para que reflitam sobre qual metodologia é mais indicada para desenvolver o processo de ensino e aprendizagem do aluno autista. Ressalta-se que esses alunos precisam de um ambiente seguro e estimulante, onde erros sejam permitidos e, ao assumir riscos, sejam incentivados.

Como aponta Gauderer:

Educar uma criança, por maiores dificuldade que se tenha, aumenta o sentimento de amor na maior parte das pessoas. Os pais sentem que a criança é parte deles e da família, sendo assim, não querendo que ela vá embora. Além de tudo, a criança com autismo pode ser bem cativante e sua própria impotência e confusão faz brotar emoções profundas nos fazem lidar com ela. Entretanto, quando começam a fazer progresso, a alegria que cada pequeno passo avante traz, parece muitas vezes maior do que é dado por uma criança normal (GAUDERER, 2011, p. 127).

As características que uma pessoa com autismo tem, não podem ser motivos de desistência nos aspectos pessoal, educacional e profissional, é um desafio, e os primeiros passos a serem tomados é conhecer, acompanhar e buscar cada vez mais por melhores condições para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social. O Transtorno do Espectro Autista - (TEA) não se concentra nas dificuldades, mas na ampliação de novos olhares, novas possibilidades de conhecimento, na compreensão do sujeito, enquanto ser social, buscando perspectivas de evolução.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Brasil (2009) as crianças com Transtorno do Espectro Autista - (TEA), não possuem os aspectos físicos diferenciados das demais crianças, mas trazem com sigio algumas especificidades no seu comportamento de modo que chama atenção das pessoas que se relacionam com elas diretamente tais como familiares e professores.

São visíveis de se identificar nas crianças com o autismo, algumas características, no convívio, por exemplo, percebe-se que elas costumam se isolar dentro de seu próprio mundo, o que dificulta a interação com outras pessoas, ocasionando também dificuldade na comunicação. Podem tanto ser hiperativas como muito passivas, sua personalidade é algo inconstante.

Crianças com autismo apresentam também déficit de atenção, causando um aprendizado bastante lento e também são pertencentes de uma rotina que não pode ser quebrada, pois gera desconforto significativo.

Belizário Filho ressalta que:

A característica de prejuízo na reciprocidade social, descrita inicialmente como “extrema solidão”, pode ser explicada pela inflexibilidade mental das pessoas com autismo, em decorrência do prejuízo da Função Executiva. A indiferença nas relações sociais tem a ver com o nível de exigência de flexibilidade nesse campo humano, tornando-o o campo de maior impossibilidade para algumas dessas pessoas. As relações sociais exigem antecipar, dar sentido, significados e ter propósitos. Mais do que isso implica no uso de símbolos, de sentidos múltiplos e

Por sua vez, o docente deve ter consciência que para a realização da aprendizagem significativa por parte da criança autista é importante à mudança de suas crenças e atitudes, pois toda criança é capaz de aprender basta um olhar reflexivo para quais habilidades esta possui, assim é possível focar em suas aptidões.

Outro fator que deve ser trabalhado com crianças autistas é a sua rotina. Gikovate (2009, p. 15) salienta que, a quebra de uma rotina pode desencadear um comportamento agitado no qual a criança se recusa a ir em frente enquanto não se retorne ao padrão anterior. Além disso, a rotina para estas crianças é fundamental para que elas consigam se organizar no espaço e tempo e assim elas consigam aprender.

Para manter a atenção dos alunos durante as aulas é necessário que o docente utilize métodos educacionais que tenham como objetivo fazer com que as crianças autistas sejam de fato incluídas em seu processo de ensino aprendizagem efetivado, portanto, muitos estudos são realizados sobre diferentes métodos.

Abordar sobre o autismo é um desafio para nós professores e pesquisadores que adentram esta linha de pesquisa. Além de ser uma patologia do desenvolvimento também desencadeia interesses, porém observam-se muitas controvérsias. O autismo esta se tornado um amplo campo de pesquisa por ser uma síndrome pouco conhecida. Tal interesse no estudo sobre as reflexões e descobertas não só apenas pelas meras curiosidades, mas, sim sobre a causa, causas essas que ainda desconhecemos.

Porém os professores buscam atender essas crianças de maneira regular diante de atividades lúdicas com materiais concretos que chame a atenção e a curiosidade do aluno autista e que possibilitem a interação dos alunos autista com as outras crianças no espaço da aula, onde os docentes planejem as aulas diante das necessidades educacionais dessas crianças.

De acordo com Franco (2015), as práticas pedagógicas organizam- -se em torno de intencionalidades previamente estabelecidas e tais intencionalidades serão perseguidas ao longo do processo didático, de formas e meios variados. Entretanto as práticas pedagógicas com criança autista partem de diversos objetos concretos confeccionados junto com os professores com o intuito de estimular o convívio social e educacional dos alunos autistas, mediante de jogos educativos.

Pois, é grande o desafio dessas práxis do docente com alunos autistas, como aponta Franco, vivenciar métodos motivadores com alunos autistas não é fácil, para tanto, as práticas pedagógicas ressalta-se pela formação de valores éticos humanitários e solidários que contribuam para formação de pessoas não só cientes apenas de si, mas comprometidas com a coletividade e a diversidade.

O desafio agora é democratizar esta educação de forma que atenda toda e qualquer diversidade na escola, na sala regular. Porém, ainda há muito a se fazer e

algumas barreiras a serem quebradas, tanto no que se refere ao corpo docente como formação profissional. Que a prática em sala de aula seja vista com um novo olhar, valorizando as diferenças de cada um, respeitando os limites e as possibilidades de crescimento individual e em grupo de todo cidadão.

A educação inclusiva busca perceber e atender as necessidades educacionais especiais de todos os alunos no ensino regular, de forma que eles alcancem a aprendizagem significativa. Para essa concretização faz-se necessário que escola, professores e família trabalhem coletivamente para transformar a educação inclusiva em sociedade inclusiva.

Para Mantoan (2015, p.24) “a meta da inclusão escolar é transformar as escolas, de modo que se tornem espaço de formação e de ensino de qualidade para todos os alunos”. A educação inclusiva é uma pedagogia que visa promover o desenvolvimento das potencialidades das pessoas com deficiências ou de altas habilidades abrangendo os diferentes níveis de ensino.

O processo deve ser integral e ter por finalidade formar cidadãos críticos e participativos. A educação inclusiva deve-se iniciar no momento que se detecta atraso ou alteração no desenvolvimento global da criança e continuar ao longo de sua vida, valorizando suas habilidades e proporcionando meios para desenvolvê-las.

Os pais dos alunos autistas cientes do direito dos filhos a educação inclusiva, garantido por lei, procura inserir seu filho na escola, onde ele desenvolverá e ampliará seus conhecimentos no contato com outras pessoas, sentindo-se integrado, a vontade de aprender aumenta e ele descobre novas formas de interagir e participar de todas as atividades com o grupo.

Segundo Carvalho (2004, p. 110) “a escola como instituição educacional é uma unidade social empenhada em concretizar a intencionalidade educativa estabelecida segundo a filosofia de educação adotada”. Portanto a proposta inclusiva é mais abrangente e significativa, pois a pessoa com deficiência não deve apenas fazer parte, ele tem que interagir e participar do processo ensino aprendizagem.

As escolas precisam passar por transformações na sua prática pedagógica, porque alunos ditos “normais” apresentam dificuldades de aprendizagem, sentindo-se excluído mesmo estando presente nas escolas em salas regulares.

Como diz Mantoan (2015, p.68) “cabe à escola encontrar respostas educativas para as necessidades de seus alunos”. Quando a escola atende a diversidade, o processo pedagógico se enriquece, o que propicia uma melhor qualidade na educação para todos: alunos, professores, psicólogo, psicopedagogo, família e comunidade.

Entretanto um dos primeiros passos será a família junto com a escola buscar horizontes, nas atividades diversificadas para trabalhar com as crianças com o Transtorno do Espectro Autista na sala de aula. O convívio e a troca de experiências entre a família e escola, serão essenciais para sua formação pessoal e profissional da criança, pois os conhecimentos construídos na escola e com o meio servirá de suporte para o desenvolvimento intelectual do aluno autista.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perante do que foi aprofundado e averiguado sobre o tema abordado, pode-se perceber que a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista - (TEA), ainda não está de modo que garanta uma educação de qualidade. Compreender o Transtorno do Espectro Autista em seus diversos âmbitos é fundamental, para desmistificar alguns conceitos errôneos e para se descrever um pouco dessa realidade que além de surpreendente, ainda se reveste de muitos enigmas.

E o que dificulta um ensino e aprendizagem de qualidade são as barreiras muitas vezes encontradas pelos docentes na escola. Sabemos que as maiorias dos professores não estão preparadas suficientes em sua formação para trabalhar com atividades motivadoras com crianças com algum transtorno e isso dificulta na elaboração do planejamento.

Porém os educadores deverão partir de ações didáticas que busquem a curiosidade através de atividades lúdicas com materiais concretos, que atraiam a atenção do aluno e que trabalhem a coletividade entre as crianças. Entretanto, pode-se argumentar que estamos trilhando um caminho que um dia nos levará a uma educação inclusiva e de qualidade a todos.

Através deste objeto de estudo, distinguimos o papel do docente como mediador da inclusão, ou seja, ele cria situações que oportunizam esse processo, se aproximando e gerenciando conflitos de modo que se faça compreender que as diferenças são características de todos os alunos, independente de ser deficiente ou não.

Compreendemos também, que a falta de uma formação sólida voltada para os aspectos inclusivos, reflete negativamente na prática docente do professor, pois ele precisa, de forma contínua estar em contato com novas formações no que se refere a sua atuação profissional. Notamos ainda, que apesar das dificuldades existentes, o processo de inclusão é possível, desde que haja comprometimento e envolvimento por parte do docente, em uma boa formação pedagógica, além de apoio escolar e familiar.

A educação inclusiva exige investimento na formação dos docentes e ainda o envolvimento da sociedade, visto que o que se percebe acerca da inclusão é um total despreparo da sociedade em geral e das instâncias educacionais em particular (Sampaio & Sampaio, 2009). Desta forma, o professor deve estar sempre em busca de formação para aperfeiçoar sua habilidade e repassar seu conhecimento de forma didática fazendo com que o autista sintam-se confiante no ambiente escolar, com técnicas estimuladoras para o desenvolvimento social e educacional.

Com este artigo verificamos que, o autismo é uma síndrome com sintomas e graus de manifestações diversas e até o presente momento não se sabe quais são as suas causas. Observamos também que pesquisas nesta área trouxeram novas maneiras de encarar a síndrome além de novas hipóteses sobre o funcionamento

cerebral e sobre cognição. Em suma, pode-se concluir que a inclusão da criança com transtorno com espectro autista é um dever de todos que, ao contrário, podem estar sendo cúmplices da sua exclusão presente e futura da sociedade.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva. Brasília, MEC/SEESP, 2008. Disponível em: Acesso em: 14 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. Resolução nº 4, de 2 de outubro de 2009. Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. 2009. Disponível em: Acesso em: 14 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, 2012. Disponível em: Acesso em: 14 jun. 2015.

BELIZÁRIO FILHO, José Ferreira. MEC- Coleção **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar**: transtornos globais do desenvolvimento. Volume 9. Fortaleza: UFC, 2010.

BORALLI, E. R. **Autismo: trabalhando com a criança e a família**. São Paulo: Ed. Edicon, 2007.

CARVALHO, Rosita Edler. Educação Inclusiva: **Com os Pingos nos “is”**. Porto Alegre: Mediação, 2004, p. 43-161.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia prática educativas na escola e na família**. Rio de Janeiro: Ed. Wak, 2009.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Práticas pedagógicas de ensinar-aprender: por entre resistências e resignações**. Educ. Pesqui. São Paulo, v. 41, n. 3, p. 601-614, jul./set. 2015.

GAUDERER, C. Apud PRAÇA, E. T. **Uma reflexão acerca da inclusão de alunos autistas no ensino regular**. Rio de Janeiro: Ed. Revinter, 2011.

GIKOVATE, C. G. **Autismo não é raro**. Rio de Janeiro: Ed. Ars cvrandi, 2009.

LUDKE, M, & ANDRÉ, M. E. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Ed. EPU, 2013.

MANTOAN, Maria Teresa Eglêr. **Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Ed. Summus, 2015.

MANTOAN, Maria Teresa Eglêr. **O Re-Inventar da Inclusão**. Editora: Vozes, ed.1, 2017.

MELLO, A. M. **Autismo: guia prático**. São Paulo: Ed. Corde, 2007.

SAMPAIO & SAMPAIO. **Manual prático do diagnóstico psicopedagógico clínico**. Rio de Janeiro: Ed. Wak, 2009, p. 172-205.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**MICHÉLLE BARRETO JUSTUS** Mestre em educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) em 2015, especialista em Gestão Escolar pelo Instituto Tecnológico de Desenvolvimento Educacional (ITDE) em 2009, pedagoga graduada pela UEPG em 2002 e graduada em Psicologia pela Faculdade Sant’Anna (IESSA) em 2010. Autora do livro “Formação de Professores em Semanas Pedagógicas: A formação continuada entre duas lógicas”. Atua como pedagoga na rede estadual de ensino.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Altas habilidades 39, 69, 70, 71, 72, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 135, 136, 146, 151, 154, 155, 207

Autismo 1, 3, 14, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 40, 41

### B

Biblioteca inclusiva 61, 62, 63, 64, 66, 67, 113, 116

Biscuit 93, 94, 95, 97

### C

Crianças autistas 14, 16, 21, 24, 29, 31, 38

Cultura Popular 1, 4, 5, 7, 8, 12

### D

Deficiência visual 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 120, 121, 166, 175

Deficientes auditivos 61, 62

Democratização 143, 144

Desenvolvimento Infantil 1, 23

Design 163, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 174, 175, 209

Design Universal para a Aprendizagem 163, 164, 165, 166, 167

Dinâmica pedagógica 163

### E

Educação básica 12, 22, 26, 32, 47, 57, 127, 134, 137, 155, 174, 188, 215

Educação de Surdos 42, 44, 49, 53, 58, 59, 60, 129, 132, 176, 177, 179, 180, 182, 185, 187, 188, 199, 205, 206

Educação Especial 1, 12, 16, 19, 20, 21, 26, 30, 31, 33, 36, 41, 42, 44, 51, 52, 62, 74, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 90, 92, 93, 94, 109, 110, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 152, 155, 156, 162, 169, 174, 188, 200, 206, 217, 218, 221, 227, 228, 235

Educação Inclusiva 1, 4, 12, 13, 15, 18, 20, 21, 24, 32, 34, 35, 39, 40, 41, 43, 44, 51, 57, 62, 70, 75, 78, 80, 83, 90, 92, 94, 113, 124, 125, 126, 127, 131, 135, 136, 138, 143, 144, 145, 146, 148, 150, 152, 153, 154, 156, 161, 162, 163, 164, 168, 169, 171, 174, 175, 203, 205, 206, 207, 216, 217, 221, 222, 227, 228, 229, 231, 232, 235

Educação Infantil 21, 25, 51, 52, 54, 79, 106, 108, 124, 125, 126, 127, 129, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 141

Ensino 1, 4, 5, 11, 12, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 33, 34, 35,

36, 37, 38, 39, 40, 41, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 57, 58, 59, 75, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 87, 88, 89, 90, 91, 93, 94, 95, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 154, 155, 156, 157, 159, 161, 163, 164, 165, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 227, 228, 229, 231, 232, 234, 235, 236

Ensino alternativo 93

Ensino-Aprendizagem de Inglês como LE 176

Ensino de línguas 182, 187, 188, 190

Estratégias de Ensino 16, 151, 176, 178, 179, 187, 194

## H

Habilidades intelectuais 14, 16

História 5, 8, 9, 10, 11, 12, 28, 29, 53, 54, 56, 59, 60, 74, 82, 113, 114, 115, 124, 125, 126, 132, 146, 147, 161, 162, 178, 195, 196, 200, 201, 220, 222

## I

Inclusão escolar 12, 14, 16, 22, 32, 33, 39, 60, 70, 75, 123, 125, 126, 129, 131, 135, 136, 137, 141, 142, 144, 145, 151, 155, 157, 162, 189, 200, 201, 203, 218, 235

Inclusão social 54, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 118, 128, 153, 186, 198

## L

Letramento de surdos 190, 193

LIBRAS 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 64, 65, 66, 67, 119, 124, 125, 126, 129, 132, 183, 187, 188, 190, 192, 193, 217, 218

## M

Material Didático 95, 96, 97, 98, 102, 176, 185, 187

## N

Norbert Elias 42, 43, 45

## P

Prática docente 17, 32, 34, 35, 40, 78

Produção de materiais 93, 98

Professor especializado 14, 16, 21, 156

Psicologia Educacional 1

Psicólogo Escolar Educacional 69, 70

## R

Relato de Experiência 3, 11, 99, 134, 220, 222, 223, 225

## S

Sociedade 2, 5, 6, 12, 17, 19, 24, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 36, 39, 40, 41, 42, 45, 46, 53, 54, 55, 57, 59, 62, 63, 65, 68, 72, 74, 82, 83, 88, 94, 112, 113, 114, 118, 123, 124, 125, 126, 128, 131, 136, 144, 145, 146, 148, 149, 151, 156, 161, 162, 164, 171, 172, 187, 190, 192, 193, 198, 199, 207, 215, 221, 227, 228

Soroban 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110

Superdotação 69, 70, 71, 72, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 135, 136

Surdos 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 63, 64, 65, 67, 124, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 146, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218

## T

Trabalho Colaborativo 134, 136, 139, 231, 233, 234, 235

Tradutor Intérprete de Libras 42

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-724-6



9 788572 477246